



ID: 40963475

27-03-2012

Presidente da AIMinho identifica linhas estratégicas

# Distrito tem potencial para vencer crise atual

Joaquim Martins Fernandes  
Avelino Lima

O presidente da Associação Industrial do Minho (AIMinho) afirmou ontem que os agentes económicos do distrito de Braga «não podem acomodar-se nem silenciar-se» perante a crise que o país atravessa, nem «devem resignar-se ao "fatalismo" de quem só vê apenas o lado negativo. António Marques assume uma postura positiva e defende que «o distrito de Braga tem potencial para vencer a crise» e aponta seis linhas de força que podem revitalizar a economia do Baixo Minho.

«A região de Braga é uma região com robustez económica e a crise constitui uma oportunidade excelente para se traçarem estratégias conjuntas de desenvolvimento», disse António Marques, para quem as soluções para colocar a economia regional na rota do crescimento devem ser orientadas pela máxima



António Marques defende visão positiva face à crise

de que «o essencial é criar emprego e ter presente que, no fim de tudo, o que conta, verdadeiramente, é a felicidade das pessoas».

O dirigente da AIMinho, que falava na conferência "A soma das partes – As economias regionais como fator de desenvolvimento", lançou mãos às «vantagens competitivas» do distrito de Braga e sublinhou que «a região Minho representa 11 por cento da população portuguesa e mais de 17 por cento das exportações» do país. «Num raio de 30 km temos 10 por cento da popula-

ção do país», continuou o líder dos patrões minhotos, defendendo a figura do triângulo equilátero como modelo de colaboração.

«Num ângulo têm de estar os empresários, as empresas e os trabalhadores. As autarquias têm de estar no segundo ângulo e o terceiro ângulo deve ser preenchido pela investigação científica e tecnológica que é feita na Universidade do Minho e nos institutos politécnicos do Cávado e de Viana do Castelo», clarificou o empresário, sentenciando que «não vale a pena estar-

mos a perder tempo, se não for para pensar em soluções que gerem empregabilidade e contribuam para a felicidade das pessoas, que são quem está no fim da linha».

A visão positiva com que o presidente da AIMinho olha a crise que a região enfrenta foi justificada em seis linhas de força que caracterizam a região: potencial geo-estratégico, potencial social, potencial económico, potencial científico, potencial cultural e histórico e prioridades.

O espaço em que a região se insere potencia uma ligação direta com a Galiza. «Estamos a falar de um mercado com mais de 3 milhões de consumidores», apontou António Marques, acrescentando que o potencial social está no facto de «esta ser uma das regiões mais jovens da Europa e ser a região de Portugal com a maior taxa de criação de empresas, muitas delas tecnológicas e de nível mundial».

## Potencial económico e científico com qualidade de nível mundial

O presidente da AIMinho defende que o Baixo Minho possui «um tecido industrial forte» e sublinha que, «finalmente, Portugal percebeu que não há país com sucesso ao nível da empregabilidade sem uma indústria forte».

António Marques faz saber que o tecido industrial do Cávado e Ave «tem uma capacidade exportadora das maiores do país», vantagem a que se alia o potencial científico e tecnológico, que as instituições de ensino superior da região colocam ao serviço das empresas.

«Falamos de um tipo de investigação com uma qualidade ao nível do que de melhor se faz no mundo», acentuou o dirigente associativo, deixando claro que ao trabalho que é desenvolvido pela Universidade do Minho, pelo Instituto Politécnico do Cávado e Ave e pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo vai ter de associar-se o Laboratório Internacional de Nanotecnologia.

## Potencial cultural e histórico exige maior dinâmica das câmaras

«É aqui que as câmaras municipais vão ter que fazer a sua quota parte de trabalho», avisa o presidente da AIMinho, acrescentando que a ação dos municípios deve privilegiar as potencialidades turísticas.

António Marques advoga que o potencial turístico da região está longe de esgotar-se nas vertentes cultural e religiosa e defende que as autarquias alarguem o trabalho que lhes é solicitado a turismo de negócios e ao turismo científico. «Choca-me que haja tantos congressos internacionais em Braga e não sejam rentabilizados em favor da economia regional», comenta, entrando no potencial das «prioridades», que implica que a região seja não só capaz de «reconhecer os seus talentos», mas também dar novos passos no estreitamento das ligações entre a investigação feita no ensino superior e as empresas.

«O Instituto de Nanotecnologia tem aqui uma palavra importante para trazer mais investimento privado para a região e um dia destes vamos ter que falar com o INL», resumiu António Marques.

## Deputado da CDU desalinha e "força" debate

A conferência que a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas promoveu sobre a economia regional do baixo Minho previa um debate entre deputados dos quatro partidos com eleitos pelo círculo de Braga, mas os representantes dos três partidos do "arco do poder" – António Braga pelo PS, Fernando Negrão pelo PSD e Telmo Correia pelo CDS-PP – enveredaram por um discurso de posições coincidentes.

A necessidade de um maior investimento na indústria, o apoio da banca às Pequenas e Médias Empresas e o fomento de políticas que incentivem o regresso à agricultura e às atividades ligadas ao mar foram as ideias comuns às intervenções dos representantes dos três maiores partidos. Mas o deputado da CDU Agostinho Lopes desalinhou do discursos dos eleitos pelo PSD, CDS, e PS, colocando o dedo numa ferida que os seus interlocutores tinham evitado.

«Como é que a região de Braga tem tantas potencialidades para sair da crise e em atraso seja das regiões com maior taxa de exportação e ao mesmo tempo seja uma das regiões com os mais salários e pensões do país?», questionou o eleito



Deputados analisaram saída para a crise do distrito de Braga

comunista, acrescentando que, recentemente, conheceu «uma trabalhadora de uma PME de Barcelos que ganha o salário mínimo nacional, apesar de trabalhar nessa empresa há 32 anos». A intervenção de Agostinho Lopes colocou em causa a ideia que os seus colegas de debate tinham defendido, ao apontarem como exemplo para a saída da recessão atual, a capacidade de regeneração que o setor têxtil revelou, após

a profunda crise com que se debateu na década de oitenta, que levou alguma classe política a vaticinar o seu fim.

Acenando com o «elevado desemprego» da região e o «aumento da pobreza», o parlamentar comunista colocou as soluções para a dinamização da economia do distrito no quadro da regionalização do país. O socialista António Braga acusou o toque e "reposicionou-se" ao lado do eleito do PCP, assumindo-se «um regionalista convicto», acenando para a falta de uma estrutura intermédia que proceda à «distribuição mais justa» da riqueza nacional, ideia que tinha defendida momentos antes.

Telmo Correia centrou as soluções para os problemas do distrito no quadro global das reformas que o Governo tem em curso, adiando os investimentos reclamados para o Baixo Minho para o período pós-austeridade. O social democrata Fernando Negrão, que apontou «a necessidade de uma ligação económica direta do distrito à Galiza», como uma das vias para sair da crise, defendeu que a região precisa de «novos protagonistas» nos planos político e económico.